

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

SARITA FEITOZA SANTOS

CONVIVENDO COM O PRECONCEITO: crianças adeptas ao Candomblé e o contexto escolar.

**Aracaju – SE
2019**

SARITA FEITOZA SANTOS

CONVIVENDO COM O PRECONCEITO: crianças adeptas ao Candomblé e o contexto escolar.

Monografia apresentada à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Alberlene Ribeiro.

**Aracaju – SE
2019**

CONVIVENDO COM O PRECONCEITO: crianças adeptas ao Candomblé e o contexto escolar.

Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso

Orientadora

Maria Aparecida Souza Costa

Avaliador

Avaliador

Avaliação Final: 10,0

Aprovada em: Aracaju 05 / 12 / 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Aos Orixás e todos os meus guias espirituais pelos caminhos, pela luz, pelo axé! Meus mestres e protetores nesta jornada terrena. Suas ações e presença em minha vida mudaram para sempre o curso de minha história, alargaram a minha visão e expandiram a minha consciência. Toda minha gratidão!

Aos meus pais: Anor e Clarice (in memoriam), pelo amor, pela dedicação, confiança, encorajamento, pelos exemplos, todo meu amor e gratidão sempre.

Aos meus quatro valiosos filhos: Sheila, Vanessa, Paulo César e Grazielle, pelo amor, pelo carinho, pela compreensão nas minhas muitas ausências. A força que recebo de cada um de vocês não tem precedente. Sinto-me extremamente privilegiada em ter vocês como filhos. Amo-os com amor incondicional!

À Arisangela, Rosângela, Monise e Bruno minhas queridas noras e genro vocês fazem parte da minha família, aprendi a gostar e respeitar cada um, de maneira muito especial. Com vocês a vida tem mais cor. Todo meu carinho e afeto.

Ao meu Babalorixá Edsandro, Pai Edy D'Ogun. Sem palavras para agradecer as colaborações teóricas. Suas contribuições foram inestimáveis. Pelos materiais enviados, pelo tempo dedicado aos ensinamentos, pelo acolhimento e pela sua valiosa amizade. Desde que o conheci, pude entender que família não é questão de sangue, família é quem segura sua mão e ampara seu coração quando mais você precisa. Todo meu carinho e gratidão.

À coordenadora Shyrley pela compreensão dos muitos meses chegando ao trabalho depois do horário por conta da faculdade. Minha gratidão.

Às minhas colegas de trabalho e amigas Conceição e Jacileide pela compreensão, em aceitar que eu chegasse no setor de trabalho depois do horário, para não faltar as aulas de faculdade. Meu afeto e gratidão.

À “minha” orientadora, professora Dr^a Alberlene Ribeiro pelo compartilhamento teórico-metodológico lançando luz a pontos obscuros para mim durante o processo e pelo estímulo, obrigada professora.

Ao professor e coordenador Williams dos Santos pela atenção e cuidado na leitura do meu trabalho, com observações valiosas. Muito obrigada!

Aos professores e funcionários da Faculdade Amadeus.

Aos que não citei nominalmente, mas que participaram, de alguma forma, deste processo. Muito obrigada!

S237c SANTOS, *Sarita Feitoza*
Convivendo com o Preconceito: crianças adeptas ao Candomblé
e o contexto escolar / Sarita Feitoza Santos. – Aracaju, 2019.

42f.

Orientador: Prof.^a Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.
Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Faculdade Fama, 2019.

1. Pedagogia 2. Escola – criança 3. Candomblé
I – OLIVEIRA, Alberlene Ribeiro de (orient.) II - Título

CDU: 37 (043.2)

CONVIVENDO COM O PRECONCEITO: crianças adeptas ao Candomblé e o contexto escolar.

Sarita Feitoza Santos.¹

RESUMO

Em face a diversidade religiosa existente no Brasil foi escolhido o Candomblé, cuja história no território brasileiro foi marcada pela proibição, perseguição e silenciamento, fundamentado pelo conceito demonizado de suas práticas e de seus adeptos. Neste íterim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar se há o reconhecimento da cultura africana como parte integrante de toda a construção histórica brasileira, valorizando a diversidade e o respeito às crianças seguidoras de religiões de matrizes africana no âmbito da escola. Assim, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de duas etapas: pesquisa bibliográfica e de campo. Os procedimentos metodológicos utilizados basearam-se nos princípios éticos necessários e os instrumentos foram: a entrevista e um gravador de áudio. Os participantes foram três crianças pertencentes ao candomblé que estudam em instituições públicas de ensino no estado de Sergipe, três professoras e uma diretora. Os resultados revelam que de fato existe discriminação com crianças adeptas ao Candomblé sobretudo no espaço da escola. Destarte, ainda há um extenso caminho a ser percorrido para a superação da intolerância religiosa em relação aos adeptos do candomblé no âmbito escolar.

Palavras-chave: Escola. Crianças. Discriminação. Candomblé.

ABSTRACT

Due to the religious diversity existing in Brazil, Candomblé was chosen, whose history in the Brazilian territory was marked by prohibition, persecution and silence, based on the demonized concept of its practices and its adherents. In the meantime, the general objective of this paper was to analyze whether there is recognition of African culture as an integral part of the entire Brazilian historical construction, valuing diversity and respect for children who follow religions of African mothers within the school. Thus, this research was developed from two steps: bibliographic and field research. The methodological procedures used were based on the necessary ethical principles and the instruments were: the interview and an audio recorder. The participants were three candomblé children who study at public educational institutions in the state of Sergipe, three teachers and one principal. The results show that in fact there is discrimination with candomblé children especially in the school space. Thus, there is still a long way to go to overcome religious intolerance towards Candomblé followers in the school.

Key- words: School. Children. Discrimination. Candomblé.

¹ Graduanda em pedagogia pela Faculdade Amadeus. saritafeitoza1604@hotmail.com.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 RELIGIOSIDADE AFRICANA E O CONTEXTO ESCOLAR.....	11
2.1 A Origem das Religiões Africanas no Brasil.....	11
2.2 O Sincretismo Religioso.....	14
2.3 Um Lendário Cultural Africano Enraizado na Cultura Brasileira.....	15
2.4 Os Orixás: Divindades do Panteão Africano.....	16
2.5 Ações Sociais Realizadas nos Terreiros de Candomblé.....	19
2.6 Crianças no Candomblé.....	20
2.7 Discriminação no Âmbito Escolar.....	22
3 METODOLOGIA.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
APÊNDICE.....	39
ANEXOS.....	41

.

1 INTRODUÇÃO

O tema foi escolhido com o propósito de conhecermos mais profundamente até onde pode o ódio prevalecer contra as religiões de matrizes africana no Brasil. Para que o preconceito, o estigma e a intolerância religiosa sejam subtraídos.

Não devemos deixar de ressaltar, a princípio, o problema que suscita sempre que nos submetemos em trabalhar com religião(ões), pois acabamos entrando em um campo onde os aspectos místicos, de crença, nos impõe certos limites, mas não estamos aqui para fazer julgamento ou negação de preceitos religiosos, porém para trazer ao conhecimento outras religiões que pelo *sufocamento* promovido por religiões e classes “dominantes”, em um longo processo histórico, deixamos de (re)conhecê-las e considerá-las enquanto elemento para entendermos a construção da pluralidade religiosa existente em nosso país.

Destarte, observa-se diante das divergências religiosas existentes geradas pela intolerância de certos grupos que insistem em desrespeitar as diversas expressões de crenças que os direitos de alguns indivíduos ainda são violados.

A intolerância religiosa significa a não-aceitação. A intolerância pode expressar-se pelo simples ato de afirmar que nossa religião seja a única verdadeira ou superior, desprezando todas as demais.

[...] é a falta de respeito diante das práticas e crenças alheias. Manifesta-se quando alguém se recusa a deixar ou expressar opiniões diversas. A intolerância pode traduzir-se pela rejeição ou exclusão de pessoas por causa de sua crença religiosa, opção sexual ou mesmo por seu tipo de vestimenta ou corte de cabelo (BORGES; MEDEIROS; D'ADESKY, 2002, p.50).

Neste sentido, é importante, fomentar a intolerância religiosa, partindo do pressuposto que o estado é laico e a sociedade é plural.

Nenhuma tradição religiosa é “total”, nem existe um status de favoritismo de religiões. Sendo assim, todas as religiões tem em si o transcendente a diferença está na forma de cultuar esse transcendente de acordo com cada cultura, dessa forma, não é justo priorizar uma religião em detrimento das demais. Sobre tudo mediante a laicidade do estado brasileiro (SILVA, 2004, p. 6).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em sua nova redação ao artigo 33, de 1997, salienta o ensino religioso, de modo facultativo, como “parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo” (BRASIL, 1997).

A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Com a lei também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares. Este dia é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil.

Não obstante, há muitos desafios a serem enfrentados, é interessante que o tema intolerância religiosa seja intercalado no contexto escolar por intermédio do ensino religioso, como meio de preservação da dignidade humana, assegurada pela Declaração Universal de Direitos Humanos, art. XVIII.

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular. (DUDH, 2013, art. XVIII).

Neste sentido, surgiu o questionamento a saber: As crianças adeptas ao Candomblé sofrem discriminação por motivo de sua religiosidade no âmbito escolar?

Destarte, o objetivo geral deste trabalho é analisar se há o reconhecimento da cultura africana como parte integrante de toda a construção histórica brasileira, valorizando a diversidade e o respeito as crianças seguidoras de religiões de matrizes africana no âmbito da escola.

Com base neste contexto, os objetivos específicos que nortearam esta pesquisa foram:

- Identificar se há discriminação no convívio entre crianças no âmbito escolar, principalmente as pertencentes as religiões de matrizes africanas;
- Identificar as emoções expressas pelos participantes nas narrativas de situações vivenciadas no contexto escolar a partir de sua pertença religiosa;
- Descrever a importância da contribuição da cultura africana para a formação cultural brasileira.

A escola ocupa lugar primordial na vida infantil e também representa o espaço de formação pessoal. Assim, nossas crianças precisam aprender a aceitar e respeitar o outro independente de sua crença.

Neste interim, a discriminação religiosa a crianças pertencentes ao Candomblé principalmente no âmbito escolar constitui-se o foco desse trabalho. Destarte, será discutido a trajetória dos negros que foram arrancados da África para trabalharem como escravos no território brasileiro, as crenças, as divindades

africanas, o sincretismo religioso, a cultura e toda discriminação sofrida desde o tempo da escravidão perpassando a história e que até hoje permanece viva em um país laico e em uma sociedade alicerçada na cultura da paz.

É importante que os educadores trabalhem em sala de aula temas sobre diversidade no seu sentido mais amplo. Sendo assim, considera-se relevante promover situações que permitam a conscientização da igualdade e da diversidade, sobretudo no âmbito escolar.

Considera-se nesta pesquisa que o papel fundamental da educação e dos pedagogos é desenvolver pessoas na sociedade e ampliar ainda mais no despertar do novo, apontando para a necessidade de se construir uma nova educação sem barreiras de preconceito, discriminação e intolerância.

No âmbito escolar sempre existiu crianças, adolescentes e adultos adeptos dessas religiões, e a todo momento precisaram silenciar, ocultar e omitir sua crença, para não sofrerem perseguição, preconceito e discriminação. De acordo com o dicionário Priberam preconceito é a ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Segundo o mesmo dicionário discriminação é o tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou grupo, com base em preconceitos de alguma ordem, notadamente sexual, religioso, étnica etc.

A escola não pode defender ou converter a uma só causa e religião, mas infelizmente nossas escolas possuem uma ação pedagógica que desvaloriza a diversidade religiosa, a educação e as religiões de matriz africana.

Seguindo o pressuposto de que em vários segmentos da sociedade brasileira encontram-se atitudes de preconceitos e de intolerância, com relação aos seguidores de religiões de matrizes africana, foi que se pensou em desenvolver esta pesquisa. Crianças e adolescentes adeptos, muitas vezes vivem com medo de dizer o nome da religião a que pertencem e preferem identificarem-se como pertencentes a outras religiões, para não correrem o risco da represália, humilhação ou intolerância.

2 RELIGIOSIDADE AFRICANA NO CONTEXTO ESCOLAR

A religião integra a vida humana desempenhando funções culturais, sociais e psicológicas. Destarte, neste capítulo será discutido sobre a trajetória dos escravos africanos em território nacional e concedendo um vislumbre sobre a religião, a cultura trazida por eles e a discriminação sofrida devido à religiosidade. Tecendo assim uma narrativa de crianças adeptas ao Candomblé e à discriminação sofrida sobretudo no espaço escolar.

2.1 A Origem das Religiões Africanas no Brasil

As religiões de matrizes africana foram incorporadas à cultura brasileira desde muito tempo, quando os diversos povos africanos trazidos como escravos desembarcaram em território brasileiro para trabalhar nos engenhos de produção de açúcar, nas minas de extração de ouro, nas lavouras de algodão, de café etc. Encontraram em sua religiosidade uma maneira de preservar suas tradições, idiomas, costumes, conhecimentos e valores trazidos da África. Através da conservação da memória de seu povo, encontravam forças para suportar a escravidão. Felinto salienta que:

Diante das contingências que viriam daí por diante, foram obrigados a negociar com os portes dominantes (igreja e senhores de escravos) e a dialogar com as culturas indígenas da nova terra. Forçados à diáspora migratória que os conduziu ao desconhecido Novo Mundo encontraram ainda assim, estratégias para aproximar suas divindades e reelaborar seus mitos, ritos e sistemas religiosos. Candomblé, umbanda, xangô pernambucano batuque gaúcho, tambor de mina maranhense, os cultos afro-ameríndios assemelhados do Norte e Nordeste (igreja, toré, catimbó, babassuê, e pelejança) são religiões resultantes desses diálogos. Além das tradições culturais africanas, tais religiões também incorporam, em graus variáveis, elementos católicos, espíritas, aspectos das cronologias indígenas, misticismo oriental e não-esotérico (FELINTO, 2012 p.11).

Segundo Verger (1981), chegava assim ao Brasil, uma tradição vivenciada, acima de tudo no culto aos ancestrais e aos Orixás preservada com muito sacrifício pelos seus adeptos. É importante assinalar que se os africanos que foram trazidos para o Brasil fossem incapazes de rever ou mesmo abandonar o passado, sua religiosidade poderia ter desaparecido completamente em solo brasileiro, deixando, quando muito, um mero vestígio histórico e arqueológico.

“É a vida para a religião e a religião para a continuação da vida. Eis a fórmula da dinâmica cultural africana!” (OLIVEIRA, 2003, p. 67).

As religiões tradicionais africanas, diferente da concepção cristã não possuem uma perspectiva salvacionista, inexistindo ideias como pecado, paraíso e inferno. Oliveira (2003) acentua que o tempo privilegiado nestas religiões é o passado, tempo dos antepassados. No entanto, o presente também é sacralizado, não havendo muito espaço para o futuro. Sendo assim, os ancestrais constituem a base das religiões africanas, podendo ser identificados como “personagens históricos que por sua notável presença no Aiyê² lograram um posto de antepassados divinizados transformados por suas comunidades em ancestrais, ou aspectos naturais (rios, árvores, mata, etc.) que foram divinizados por sua importância à sobrevivência do grupo humano” (IBIDEM, p. 67). Estes ancestrais divinizados são também conhecidos como orixás.

De acordo com o pesquisador Sodré (1988), um terreiro é uma associação litúrgica organizada. Através dessas organizações, transferiu-se para o Brasil grande parte do patrimônio cultural negro-Africano. Ele afirma que:

Ela tem em sua etimologia o significado de herança: é um bem ou conjunto de bens que se recebe do pai (pater, patri). Mas é também uma metáfora para o legado de uma memória coletiva, de algo culturalmente comum a um grupo. (SODRÉ, 1988, p. 50).

A prática dessa religião acontece em espaços chamados de Ilé³ roça, Egbé⁴ ou terreiro, com rituais, cânticos, e toques de atabaques.

O mesmo autor ainda esclarece que os terreiros podem chamar-se de Candomblé, Sangô Pajelança, Jurema, Catimbó, Tambor de Mina, Umbanda ou qualquer outra denominação assumida pelos cultos negros no Brasil. Os orixás são as divindades veneradas pelos adeptos do Candomblé cujos aspectos e representações podem ser demonstrados numa infinidade de mitos que descrevem suas características particulares e histórias. Reúnem ainda, personalidades atributos, comportamentos, sentimentos e paixões humanas. Além disso eles se associam a determinados locais, elementos e forças da natureza.

A cultura africana foi preservada sobretudo através da religiosidade, os negros escravizados conseguiram transportar através do Atlântico sua filosofia consolidada em religião, os demais laços que lhe pertenciam como famílias e

² O espaço terreno para os africanos.

³ Terreiro.

⁴ Comunidade do terreiro.

qualquer outra referência que pudesse ter, foram deixados em sua terra mãe. No entanto, precisaram esconder as suas crenças a todo custo sob o manto do cristianismo.

De acordo com Verger (1981), “a primeira casa de candomblé de que se tem notícia é a Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador/BA” em continuidade, ele afirma que:

Assim como no resto do Brasil, instituição de confrarias religiosas, também em Salvador, separava as etnias africanas: os pretos de Angola formavam a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, fundada na igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho; os daomeanos reuniam-se sob a devoção de Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Corpo Santo, na cidade Baixa; os nagô, cuja maioria pertencia à nação Kêto, formavam duas irmandades: uma de mulheres, a de Nossa Senhora da Boa Morte; outra, reservados homens: a de Nosso Senhor dos Martírios. [...] várias mulheres [...] originárias de Kêto, [...] pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de candomblé, chamado Iyá Moi Àse Aira Intilá, numa casa situada na Ladeira do Berquo, [...] próximo à igreja da Barroquinha, naquela cidade. O terreiro mudou-se por diversas vezes e, após haver passado pelo Calabar na Baixa de São Lázaro, instalou-se sob o nome de Ilê Iyá Nassô na Avenida Vasco da Gama, sendo familiarmente chamado de Casa Branca do Engenho Velho. Não se sabe com precisão a data de todos estes acontecimentos: isto porque, no início do século XIX, a religião católica era ainda a única autorizada; as reuniões de protestantes eram toleradas só para estrangeiros, e o islamismo, que provocará uma série de revoltas de escravos entre 1808 e 1835, era formalmente proibido e perseguido com extremo rigor; os cultos aos deuses africanos eram ignorados e vistos como práticas supersticiosos. Portanto, eram clandestinos, e seus adeptos, perseguidos pelas autoridades (VERGER, 1981, p. 28).

Os africanos ao serem brutalmente tirados de suas terras, mudaram-lhes o nome e a lei, no entanto, como não se pode modificar a crença de ninguém, é possível acreditar que a religião de matriz africana, que resolveu chamar-se, no Brasil de Candomblé, que segundo Kileuy & Oxaguiã (2009) significa "dança, batuque" consiste na base de toda a cultura transferida pelos traficantes negreiros, para fora da África.

É relevante entender que nessas religiões persiste a tradição oral conforme descreve Santos (2015) sobre o Candomblé, a saber:

Por ser uma religião baseada na tradição oral repassada através de processos iniciáticos e vivenciais, o candomblé não tem um livro em que se encontram registrados os seus princípios e fundamentos, como é o caso de outras religiões que têm a Bíblia e o alcorão (SANTOS 2015, p.45).

Obviamente, a transmissão oral é um canal de conhecimento viabilizado na própria comunidade do terreiro. Sendo “o mais velho” o guardião das tradições. É

essa pessoa que carrega consigo toda herança de conhecimentos e saberes que traduzem a prática religiosa e no momento apropriado, são transmitidos nos processos iniciáticos e vivenciais.

2.2 O Sincretismo Religioso

Segundo Bastide (2001), a religião dos orixás, o candomblé, se tornou afro brasileira por motivo da rejeição sofrida pelos negros por parte dos senhores e da igreja com relação a sua religião. Sendo assim, os africanos e seus descendentes mantinham suas práticas religiosas de modo sincrético com a religião católica evitando represálias dos colonizadores. “Qualquer religião que não fosse a Católica era considerada heresia. A religião dos negros escravizados, então, sequer era considerada religião, mas práticas de feitiçaria, mandinga, culto ao demônio”. (OLIVEIRA, 2003, p. 87).

Como os africanos escravizados não abriam mão das suas divindades e de sua fé, resolveram buscar santos na Igreja Católica que correspondessem aos seus orixás.

Durante um grande período da nossa história, por estar ligado aos escravos, aos negros e aos pobres de um modo geral, o culto às divindades africanas era proibido e reprimido. Para sobreviver, houve época em que as religiões afro-brasileiras misturaram-se ao catolicismo, um fenômeno conhecido como sincretismo. Os fiéis passaram a identificar os orixás aos santos católicos. Foi assim que, no candomblé, por exemplo, Oxóssi acabou se identificando com São Jorge, Ogum foi associado a Santo Antônio, e Iansã assimilada à figura de Santa Bárbara. (STRECKER, 2019 p.35).

Segundo Kileuy & Oxaguiã, (2009), O Candomblé tem por base a alma da natureza, por este motivo é chamada de religião anímica, palavra derivada de “anima” – alma. Disto houve o conhecido como sincretismo religioso e os santos da Igreja Católica passaram a ser incorporados e usados nas cerimônias; sendo assim, os negros não desagradavam à Igreja Católica – detentora de força político-social – nem deixavam de reverenciar suas divindades.

Desta forma, surgiu uma mistura de santos com Orixás que ainda hoje é motivo de mau entendimento, porque um se confunde com o outro. Sendo assim, através do sincretismo atingimos à seguinte classificação de orixás e santos católicos:

Exú Santo Antônio; Ogum São Jorge; Oxóssi São Sebastião; Omolú São Lázaro; Ossaim São Benedito; Oxumaré São Bartolomeu; Nanã Santa Ana; Oxum Nossa Senhora da Conceição; Logum Edé Santo Expedito; Obá

Santa Joana d'Arc; Euá Nossa Senhora das Neves; Iansã Santa Bárbara; Iemanjá Nossa Senhora dos Navegantes; Xangô São João Batista; Oxaguiã Menino Jesus; Oxalá Senhor do Bom Fim; Olorum Deus. (KILEUY & OXAGUIÃ, 2009, p. 47).

O Candomblé desenvolveu-se em meio a muitas “nações” negras, concentrada na sua maioria no estado da Bahia, e equivaleu como forma de continuar a preservar os costumes trazidos de uma terra que agora só se podia chegar através dos sonhos e da imaginação.

2.3 Um Lendário Cultural Africano Enraizado na Cultura Brasileira

O longo período de escravidão no Brasil além de ter constituído na economia brasileira o pilar material da sociedade, também influenciou sua formação cultural. Juntamente com os povos escravizados da África, chegou ao Brasil os costumes africanos durante o tempo que persistiu o tráfico negreiro transatlântico.

Segundo Vasconcelos (2016), a diversidade cultural da África refletiu-se nos escravos pertencentes a diversas etnias com idiomas e tradições distintas. Dentre os que foram trazidos ao Brasil incluíam: bantos, nagôs, jejês, houçás e malês, suas convicções religiosas originaram as religiões afro-brasileiras.

Além das crenças religiosas, os africanos conseguiram trazer enraizados em seus corações os costumes, danças, músicas, culinária e idiomas e assim mantiveram viva sua cultura que aos poucos foi sendo introduzida à cultura brasileira.

Dentre as influências africanas que se reformulam, a linguagem musical é de certo um dos meios onde as referências da África aparecem de forma significativa formando uma imensurável concentração de presenças e contribuições.

O samba, afoxé, maracatu, congada, lundu e a capoeira são exemplos da influência africana na música brasileira que permanece até os dias atuais. Instrumentos como o tambor, atabaque, cuíca, alguns tipos de flauta, marinha e o berimbau também são heranças africanas que constituem parte da cultura brasileira (PINTO, 2019 p. 26).

Portanto, a música é um elemento de cultura, não podendo ser analisada de maneira separada, como sendo uma simples estrutura sonora. O idioma yorubá é muito utilizado ainda nos dias atuais em todos os terreiros de candomblé, seja em

rituais, nas cantigas ou nos oriki.⁵ Assim como também, os nomes das comidas oferecidas a essas divindades.

Nas religiões de matriz africana, em rituais e cânticos guardam-se e recriam-se línguas, a exemplo do yorubáno candomblé. No falar cotidiano, presume-se que há maior influência dos povos subsaarianos dos grupos etnolinguísticos denominados bantos. (LOPES, 2003, p. 18).

Quanto à culinária africana, é diversa e saborosa. Muito apreciada principalmente no Nordeste, a saber:

Vatapá, feijoada, cocada, acarajé é extensa a lista de comidas que tem influência africana e que estão no cardápio dos brasileiros ingredientes como o leite de coco, o inhame e o dendê acrescentam sabor aos alimentos. A comida para a cultura afro alimenta o corpo e o espírito. Nosso cardápio tem forte influência negra os temperos, o preparo e o ritual que para as religiões afro-brasileiras passa pelo alimento destinado a casa orixá. (T. MPF, 2016 p. 3).

Extremamente diversificada a cultura africana e suas características retratam tanto a história do povo, quanto a do continente inserida na cultura brasileira.

2.4 Os Orixás: Divindades do Panteão Africano

De acordo com Verger (1981), Orixás são forças inteligentes da natureza, que influenciam os seres humanos; em yorubá, significa dono da cabeça (ori=dono xa=cabeça); conclui-se que se trata da energia natural, embora, inteligente que age sobre as reações e a personalidade individuais. Segundo o mesmo autor, toda religião é composta por tradições, gestos, imagens mentais, ritos e mitos. Para o antropólogo mito seria uma definição ou uma justificação dos gestos cerimoniais “O mito aparece como um modelo que deva ser reproduzido, a narração de um acontecimento passado, ocorrido na aurora do mundo, o qual é preciso repetir para que o mundo não acabe do nada.

Para os candomblecistas, sua gênese decorre da decisão de Olorum,⁶ o Senhor dos espaços invisíveis, de criar o Aiyé,⁷ o espaço visível. Conforme Verger (2000) descreve o mito.

Antigamente a terra não existia. Havia somente Okoun (= Olokoun) o mar. Era uma água situada embaixo e que se estendia por todos os lados. No alto estava Olorum. Esse Olorum (orisa do céu) e Olokoun (orisa do mar) tinham a mesma idade. Tinham tudo neles (ou possuíam tudo). Oloroun gerou dois filhos. O primogênito chamava-se Orischala (é a mesma coisa

⁵ Frases em saudação aos orixás.

⁶ O Deus único e supremo no candomblé para a nação Ketu.

⁷ Espaço terreno para os africanos.

que Obatalá), o caçula tinha o nome de Odoudoua. Oloroun. Chamou Orischala à sua presença e deu-lhe também uma galinha com cinco dedos (Adjé-Alessé-Manou). Disse-lhe: “Desça (isto é, vá para baixo, direção à terra) e fabrique a terra sobre Okoun (ou Olokoun)”. Orischala partiu. A caminho encontrou vinho de palmeira. Começou a beber e embriagou-se. Em seguida adormeceu. Oloroun viu o que havia acontecido. Então convocou Odoudoua e disse-lhe: “Seu irmão mais velho embebedou-se no caminho que leva para baixo. Vá, pegue a areia, a galinha de cinco dedos e fabrique a terra sobre Olokoun”. Odoudoua Partiu. Pegou a areia, desceu e colocou-a em cima do mar. Em cima da areia pôs a galinha de cinco dedos. Ela começou a ciscar a areia e estendeu-a, empurrando a água de lado. O lugar onde isso aconteceu era Ilifé, em torno da qual, naqueles tempos, ainda havia mar. Odoudoua reinou como primeiro soberano na terra de Ilifé. O mar de Olokoun tornou-se cada vez menor e desapareceu através de um buraco. Por esse buraco, ainda hoje, pode-se pegar a água do deus. Pode-se aliás pegar muita água, sem que ela se esgote. Chamam-na Oscha Orischala, Comunicação: As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e seu sistema religioso. No entanto, irritou-se por não ter sido o autor da criação do mundo. Moveu uma guerra contra Adoudou. Ambos guerrearam porém depois fizeram as pazes. Mas tarde os dois entraram na terra e não foram mais vistos. (IDEM, 2000, p. 450-451).

De acordo com Bastide (1971) A base da fé candomblecista é o culto aos Orixás sendo que cada um tem seu toque específico, entoado através dos tambores Run,⁸ Rumpi⁹ e Lê¹⁰ que são tocados com aguidavi.¹¹ Em algumas casas o agogô¹² e o xequerê¹³ são também instrumentos usados para invocar as divindades, tocados pelos alabês¹⁴ para invocá-los ao terreiro e por meio do transe entrar em contato com os filhos de santo através da incorporação.

Os iniciados ao Candomblé são chamados filhos-de-santo, que são “aqueles que foram feitos para receberem os seus santos ou orixás” (LIMA, 2011, p. 81) e os ritos iniciáticos configuram-se como portas de entrada para esta religião.

No candomblé também existe proibições que os Orixás impõem para seus filhos e filhas, como não usar determinada cor, ou não comer determinados alimentos por exemplo. As danças são sempre no sentido anti-horário com o objetivo de demonstrar que o mundo e o tempo que vivem, são outros completamente diferentes dos homens. Cada Orixá possui sua comida, sua vestimenta, sua dança e seu toque próprio.

Segundo Carmo (2006) não foram todos os Orixás que vieram a ser cultuados no Brasil. Aprendeu-se a cultuar no Brasil 16 Orixás.

⁸ O menor tambor.

⁹ O tambor médio.

¹⁰ O menor tambor.

¹¹ Varetas.

¹² Instrumento idiofone afro-brasileiro.

¹³ Instrumento musical de percussão criado na África.

¹⁴ Homens com função de cantar músicas específicas para cada orixá.

Haviam muitos outros que não atravessaram o Atlântico nos navios negreiros. Estima-se que no território africano o panteão é constituído de mais de 600 orixás. As principais características dos Orixás cultuados no Brasil são:

1. Exu – o primeiro a receber as oferendas dos humanos, é responsável por abrir os caminhos e decifrar os mistérios mais intrigantes.
2. Xangô – é o orixá mais importante do candomblé brasileiro, representa o poder total, a força e concentração; assemelha-se ao Deus pré-cristão Jeová.
3. Iansã – deusa feminina mais apreciada do candomblé. Iansã costuma ser uma mulher viril, graciosa, uma mulher que em vontade, não leva desaforos para casa.
4. Oxum – é um orixá feminino das águas doces, dos rios e das cachoeiras, do amor da prosperidade e da beleza, tem uma característica marcadamente maternal, de saber cuidar.
5. Oxóssi – guerreiro valente e destemido, que percorre os bosques a procura de caça ou simplesmente para exercitar suas habilidades de atleta.
6. Ogum – no Brasil disputa com Iemanjá e Xangô o posto de orixá mais popular; é um dos orixás que tem raízes mais antigas.
7. Iemanjá – a rainha dos mares, muito referenciada nos cerimoniais de ano novo à beira das praias.
8. Oxalá – no Candomblé este orixá tem um lugar de destaque por ser o mais velho e experiente orixá.
9. Obaluaíê – este orixá se veste de vermelho e preto e está ligado intrinsecamente à morte, é tanto que a ele são consagrados os defuntos e cemitérios.
10. Oxumaré – suas principais características são: vaidade, fazer fofocas, gosto pelo luxo e riqueza.
11. Nanã – junto com Obaluaíê e Oxumaré, Nanã forma o trio de deuses da nação jeje, que foram assimilados pelo Candomblé do Brasil e misturados com as outras divindades da nação nagô.
12. Logum Edé – é o deus mais bonito do candomblé sedutor, atraente, refinado, vaidoso, preguiçoso e ciumento.
13. Ossaim – é o orixá das folhas, dos medicamentos, produtos que são utilizados nos terreiros para fazer os chás, as infusões, os banhos, as limpezas espirituais e outros preparados para os trabalhos e rituais.
14. Obá - uma das esposas de Xangô representa as mulheres bonitas mas sem muita personalidade.
15. Ewá – descrita como mulher sofrida e pobre, que só consegue sustentar sua prole com trabalho penoso, ultrapassando muitas dificuldades.
16. Irokô – foi a primeira árvore plantada e pela qual todos os Orixás desceram à terra. Considerado o Orixá do tempo (CARMO, 2006, p. 32-33).

As funções e responsabilidades de cada membro e a organização do candomblé favorecem a socialização que ocorre na coletividade. As funções podem ser divididas por gênero, evidenciando seu caráter complementar.

Conforme salienta Oliveira (2003), as divindades das religiões de matrizes africana, os orixás, podem ser masculinas, femininas ou andróginas, bem como entidades que representam a comunidade. Neste ponto, comprova-se o princípio da complementaridade e o respeito à diferença entre os gêneros.

2.5 Ações Sociais Realizadas nos Terreiros de Candomblé

Com atuações de combate ao racismo, de gênero e de intolerância religiosa ações sociais realizadas pelas instituições religiosas de matrizes africanas visa promover qualidade de vida, enfatizando a importância de se combater a violência mediante o aumento da auto estima, do estudo, bem como através do trabalho, do resgate da cidadania, promovendo e realizando publicações de trabalhos escritos e audiovisuais, colóquios, seminários, debates, conferências, cursos, congressos, palestras, exposições, e explanações sobre temas diversos, destacando-se dentre eles a desmistificação das religiões.

Realizações de atividades ocupacionais educativas e profissionalizantes para idosos e deficientes de modo a melhorar sua autoestima e seu bem-estar social, diminuindo assim, a discriminação que sofrem. Promovem ações sociais que visam a garantia de direitos, a ampliação da cidadania, através de práticas políticas.

Muitas destas “novas formas de exercício da cidadania”, no que tange às práticas políticas próprias das redes religiosas de matrizes africanas, carecem ainda de conhecimento e reconhecimento – acadêmico e social. Nosso entendimento é o de que neste contexto, as práticas políticas estão consubstanciadas naquilo que aqui denominamos ações sociais. (FONSECA, 2013, p. 65).

São exercidas também atividades de ações de combate a fome, atenção a comunidade, promoção da cidadania, da diversidade, criação de emprego e renda, realizações educativas, atendimento as pessoas em estado de vulnerabilidade social, defesa dos direitos humanos, questões habitacionais e conservação ambiental.

As instituições religiosas de matrizes africanas alferem apoio e parcerias do poder público, empresas privadas, fundações, ONGs, redes sociais e/ou membros frequentadores dos terreiros para realizar as ações sociais.

Com respeito às parcerias para o desenvolvimento de ações sociais, apenas pouco mais de 30% das casas atestam contar com apoio sistemático de distintas ordens para este fim. Lembrando que mais de 60% das casas pesquisadas afirmam realizar ações sociais de forma regular, possível constatar que quase um terço das casas pesquisadas cumpre os papéis sociais antes descritos, extraindo apenas de si mesmas os recursos materiais e humanos para fazê-lo. (...) Merece destaque a frequência inferior a 6% das casas que contam com a parceria do poder público para o desenvolvimento do seu papel de agente mitigador de mazelas sociais. (IBIDEM, 2013, p. 90).

A rede de solidariedade presente nos terreiros de Candomblé realiza ações de promoção de saúde, segurança, acolhimento, realizações educativas e culturais.

2.6 Crianças no Candomblé

Sobre o Candomblé, muitos estudos já foram feitos. A antropologia principalmente, tem trazido boas contribuições ao se dedicar ao tema dessa e de outras religiões de matriz africana, ajudando a conhecer e compreender diversas práticas, rituais, dilemas e conflitos de religiões recriadas e ressignificadas no Brasil.

No entanto, poucos estudos evidenciam um certo grupo de sujeitos presentes que participa ativamente das religiões dos orixás nas práticas e rituais do candomblé e cuja presença é indispensável à continuidade do culto, sendo fonte de energia, de vida e de luta. No espaço dos terreiros de Candomblé circulam conhecimentos, saberes e memórias. São nos terreiros de candomblé que crianças e jovens também mantêm e renovam a tradição. Caputo (2012) salienta que:

As crianças se inserem e crescem nos terreiros, numa relação identitária e de aprendizados que tem estreita relação com os laços de parentesco, a comunidade, o pertencimento étnico-racial e a cultura negra. No candomblé, as hierarquias de idade são investidas de acordo com o tempo de feitura do Santo. As responsabilidades são múltiplas e variadas. É possível ser uma criança na idade e um adulto no santo. Neste caso, os lugares de poder e a hierarquia são outras. Trata-se de uma outra lógica, muito diferente do adultocentrismo que impera em nossa sociedade e sobretudo, na escola (CAPUTO, 2012 p. 20).

Crianças e jovens são agregados em comunidade de Candomblé, numa forma de socialização, estabelecendo novos laços de solidariedade por meio da distribuição do axé.¹⁵ Muitos frequentam, aprendem danças, preceitos, canções e participam das festas.

Neste ínterim, seguir a religião de seus pais é o primeiro caminho que uma criança trilha na vida.

Assim como em outros segmentos religiosos, as crianças adeptas do candomblé, normalmente, são introduzidas na religião a partir da orientação familiar dos adultos que se ocupam da educação religiosa dos filhos, levando-os consigo nas atividades do seu grupo de pertença. As crianças participam ativamente dos processos religiosos, seja nas cerimônias iniciáticas, ocupando cargos na hierarquia religiosa, desempenhando funções como ogans e equedes, ou simplesmente como convidados nas festas, sem necessariamente estar vinculado à religião (IBIDEM, 2012, p. 86).

A religião dos orixás preza muito pela infância e pela velhice. As crianças que darão continuidade ao candomblé e os mais velhos passam orientações importantes para preservar a tradição. Beniste (2006) afirma que:

¹⁵ Força mágica que sustenta os terreiros de candomblé.

Houve uma época em que se convencionou que ser educado era ser europeizado. A sociedade yorubá era vista como Ará Oko, (...) pessoas ignorantes. Cultura e educação eram vistas como primitivas e pagãs. Os princípios da educação são baseados na concepção Omolu Wabi ou seja, um bom caráter em todos os sentidos da vida, e que inclui o respeito aos mais velhos, lealdade aos pais e à tradição local, honestidade, assistência aos necessitados e um desejo irresistível pelo trabalho. É um processo de vida longa, onde a sociedade inteira é a escola. (BENISTE, 2006, p.35).

As crianças no Candomblé convivem com o meio em que vivem, conhecem as plantas, os pássaros e os animais. Segundo Martins (2002), assim que se deve compreender a natureza nos terreiros, como uma natureza mítico-religiosa, transcendental, que está presente na composição de todos os homens, pois, ela pode aparecer tanto sob a forma de fenômenos como na forma de um Orixá, enfim a religião dos Orixás é a voz da natureza.

Nos cânticos e rezas de invocação aos Orixás entoados nos terreiros de candomblé, é notório a relação do homem com a natureza.

Sobre as tradições africanas, não se fala apenas em interações, mas na composição de uma matéria homem que está dotada de tudo ou de todos os elementos da natureza, sendo ele a materialização ou expressão máxima de todos estes. “Todos os reinos da vida (mineral, vegetal e animal) concentram-se nele, conjugados às forças múltiplas e a faculdades superiores” (HAMBATÉ, 1982, p. 195).

Neste sentido, podemos afirmar que o pensamento africano e afro-brasileiro referente ao homem está ligado a mesma unidade de existência à natureza, somatória de tudo aquilo que é necessário a sobrevivência.

A religião lida com os quatro elementos da natureza (ar, fogo, terra e água) e com os três reinos (vegetal, mineral e animal). Esses elementos juntos formam o asé, a força dinâmica que a tudo move e anima. O candomblé é a religião mais ecológica que existe, porque só conhecemos nossa própria existência inteirada à natureza. Yemojá é a energia das ondas do mar, Osun, das águas doces, rios, das cachoeiras. Ossain dos vegetais, das folhas. Xangô dos trovões, do fogo. Iansã do ar e da terra Oxossi é o grande caçador. Uma criança ao lidar com isso desde cedo, ela não somente se sente parte da natureza, vai além disso, ela entende que ela é natureza. As crianças também aprendem que a cabeça é a morada do Orixá e não devem fazer nada que faça mal a cabeça ou ao corpo (CAPUTO 2012, p. 76).

No terreiro, as crianças aprendem, desempenham funções como os adultos, crescem compartilhando o amor as coisas de seu Egbé. Aprendem a respeitar as diferenças, principalmente a respeitar a ancestralidade. Essa é a formação de uma criança candomblecista.

Os terreiros são espaços de circulação de conhecimentos, de saberes e de aprendizagens. No cotidiano das casas de orixá, se aprende e se ensina com as ervas, as comidas, a confecção das contas, as músicas, as oferendas votivas, as cores, os cheiros, as danças, os panos, os artefatos, a vida e a morte. Tudo aprende e tudo ensina (IBIDEM, 2012, p. 257).

Para Freire (1978), só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca permanente que se faz no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1978, p. 36). O terreiro também é “o mundo”. O mundo de muitos meninos e meninas que também estão inseridos nas escolas e diariamente precisam silenciar sua pertença religiosa, negar suas crenças, omitir sua fé para se tornarem iguais aos outros alunos e assim serem aceitas socialmente.

Sobre a discriminação nas escolas Candau (2003), salienta que:

Está impregnada por uma representação padronizada da igualdade “aqui todos são iguais”, - “todos são tratados da mesma maneira” – e marcados por um caráter monocultural. Preconceitos e diferentes formas de discriminação estão presentes no cotidiano escolar e precisam ser problematizados, desvelados, desnaturalizados. Caso contrário, a escola estará a serviço da reprodução de padrões de conduta reforçadores dos processos discriminadores presentes na sociedade. (CANDAU, 2003, p.164).

Neste sentido, os conhecimentos e saberes que circulam nos espaços dos terreiros precisam ser ainda mais conhecidos, divulgados, defendidos e partilhados porque são capazes de questionar e até mesmo desnaturalizar essa realidade monocultural e por vezes obscurantista da sociedade e da escola.

2.7 Discriminação no Âmbito Escolar

Os devotos aos Orixás há muito tempo sofrem os desdobramentos da intolerância religiosa. Não há distinção de credo, todos aqueles que cultuam os deuses africanos recebem o mesmo estigma, “os macumbeiros”. Embora segundo Silva (2005), “macumba seja uma árvore de gênese africana e um instrumento musical de percussão utilizado em cerimônias africanas”. No entanto, esta palavra tornou-se uma forma pejorativa de se referir a todos os praticantes da fé e a todas as demonstrações advindas de religiões de matrizes africana.

Demonstrada através de atitudes violentas, gestos e palavras agressivas a intolerância religiosa revela o preconceito e a falta de respeito às diferentes crenças. Ameaçam a liberdade, e a democracia de um estado laico.

A lei constitucional nº 5250, do art.5. e inciso VI assegura a liberdade de crença à todos os brasileiros, no entanto a intolerância e a discriminação étnico-racial nunca deixou de fazer parte do cotidiano social. Continua assumindo um caráter racial que se mantém ao longo da história brasileira, desde o período da

escravização, no qual a cultura negra era vista como prática primitiva, agressiva aos “bons costumes” e associada a “coisas do diabo”.

Neste sentido, a intolerância religiosa tem causado danos à dignidade da população afro-brasileira e aos brancos que praticam as religiões de matrizes africanas, afetando sua autoestima, gerando medo de demonstrar sua fé, causando instabilidade e traumas emocionais.

Os praticantes das religiões afro-brasileiras têm uma maneira peculiar de cultuar seus Orixás, eles desempenham as funções de cuidar do seu Orixá e a ele dedicar sacrifícios, oferendas e cuidados especiais, mantendo uma relação de grande importância com os seus deuses que eles emprestam os seus corpos físicos e muitas vezes se abdicam de prazeres em prol das obrigações. (ROCHA, 2012, p. 52).

Segundo Barbosa (2012) tal relação é tão íntima, que muitos aspectos da personalidade dos Orixás se assemelham com a personalidade dos seus filhos. Devotos e Orixás estabelecem laços tão estreitos que há um real sofrimento e constrangimento quando os praticantes da fé são alvos de ações violentas e preconceituosas, pois não é fácil encobrir a fé quando sua prática se estende para além dos muros do terreiro.

Milhares de crianças e adolescentes que frequentam terreiros de candomblé no Brasil possuem em comum o amor, o respeito e o orgulho a esta religião afro-descendente que cultua os orixás. No entanto, parte destas crianças já iniciadas em sua religião, quando estão em suas escolas escondem suas marcas de iniciação e negam sua religiosidade para não serem discriminadas e possam assim serem aceitas socialmente. (CAPUTO, 2012, p. 20)

De acordo com Declaração dos Direitos Humanos, Art. 4, nenhuma pessoa pode ser submetida, por causa de sua identidade nacional ou cultural, ao massacre, à tortura, à perseguição, à deportação, à expulsão ou a condição de vida que possam comprometer a identidade ou a integridade do povo a qual pertence.

A escola ocupa lugar primordial na vida da criança. Simbolicamente, essa instituição representa o lugar de preparação para o futuro, para “ser alguém na vida” para a introdução no mercado de trabalho. Não obstante conviva com muitas críticas, a escola ainda caracteriza-se como espaço de suma importância na formação pessoal e como provedor de transformação social. (COSTA, 2003, p. 13).

Por outro lado, o terreiro de Candomblé também se constitui como espaço de construção pessoal para as crianças que integram essa religião, constituído pelos valores da civilização africana. Mesmo que os saberes construídos em cada instituição sejam distintos - o saber científico e o saber tradicional) - e as visões de

mundo e os projetos de vida nem sempre estejam no mesmo caminho, ambas as instituições desempenham papéis essenciais na vida das crianças.

Sendo assim, o modo referente de formação compreendido nestas instituições desafia-nos a entender como e o que ocorre neste encontro (candomblé e escola) e como as pessoas que integram essas duas instituições na sua infância, vivem estas experiências.

Destarte, a crença e o direito de exercê-la livremente é componente fundamental não apenas da liberdade religiosa, mas do princípio da dignidade da pessoa humana.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada teve a abordagem qualitativa, segundo Ludke, André (2012), é uma investigação científica com o propósito de aperfeiçoamento de novas ideias, visando compreender e analisar as opiniões dos entrevistados. O objetivo não é a quantidade, por isso não se baseia em números, mas sim na qualidade dos fatos e das informações. Os dados coletados nessas pesquisas são ricos em descrições de pessoas; situações, acontecimentos, e inclui transcrições de entrevistas e de vários tipos de depoimentos. O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.

Segundo o mesmo autor a pesquisa qualitativa se baseia nas observações e nas experiências através de comportamento e opiniões do indivíduo. Nesta perspectiva as respostas não são objetivas porque elas podem ser modificadas ao longo das observações, e o pesquisador precisa atuar e saber interpretar as informações que ele está pesquisando.

Sendo assim, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de duas etapas: pesquisa bibliográfica e de campo. Destarte, na primeira etapa principais autores contribuíram com embasamento teórico que foram: Kileuy & Oxaguiã (2009); Caputo (2012); Rocha (2012); Sodré (2016); Beniste (2006) Bastide(1971).

Os conceitos analisados foram o Candomblé a partir dos autores: KILEUY ODÉ & OXAGUIÃ VERA, (2009); com a obra O Candomblé bem Explicado. CAPUTO STELA GUEDES (2012), com Educação nos terreiros; PRANDI REGINALDO (2001), Mitologia dos Orixás. CAPPELLI, ROGÉRIO (2010), Religiões de Matriz Africana. FELINTO, RENATA (2012), Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos. BENISTE JOSÉ (2011), Orun Aiye. ROGER BASTIDE (1971), As religiões Africanas no Brasil.

A pesquisa de campo foi realizada durante o mês de setembro do corrente ano nos terreiros e na escola aonde os entrevistados frequentam. Foi escolhida a escola pública pela compreensão de que esta instituição deve respeitar o caráter laico do ensino público no Brasil, determinado na legislação nacional, não podendo existir predileção por qualquer tipo de orientação religiosa.

Na pesquisa de campo foi utilizado como ferramenta a entrevista não estruturada. Conforme Lüdke e André (2012), a entrevista, representa um dos

elementos básicos para a obtenção de informações, nessa perspectiva, é uma técnica fundamental de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa. Enfatiza que a entrevista é uma técnica poderosa de comunicação e pode ser de grande utilidade para a especulação em educação. Os autores ainda abordam a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a capacitação imediata e corrente da informação desejada

Os atores sociais foram três crianças que estudam em instituições públicas de ensino no estado de Sergipe, três professoras e uma diretora. O instrumento usado foi a entrevista não estruturada a partir de conversação. As entrevistas com as crianças foram realizadas no terreiro de Candomblé Ilé Asé Júbélénã em que as mesmas frequentam. Foi escolhido esse local por ser familiar as crianças. As professoras e a diretora foram entrevistadas na escola aonde que as crianças estudam, no município de Nossa Senhora do Socorro.

A escola funciona nos dois turnos manhã e tarde com ensino da educação infantil ao fundamental menor.

Através de um contato pessoal, foi possível realizar um agendamento para uma primeira visita à escola. A recepção na mesma, foi realizada pela gestora e a coordenadora pedagógica. Logo no primeiro contato, apresentamos o projeto de pesquisa e o pedido para um possível consentimento. Houve aceitação por parte da direção, não demonstrando nenhuma resistência na participação da pesquisa.

As professoras são efetivas da rede municipal de Nossa senhora do Socorro administram as séries 3º e 4º anos do ensino fundamental menor.

Os dados foram coletados através de entrevista e analisados as falas de cada um utilizando o referencial teórico para dar suporte ao que foi encontrado para compreender se a questão de pesquisa confirma ou refuta o que está sendo abordado nesse estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A discriminação no âmbito escolar foi perceptível a partir das entrevistas realizadas com os atores sociais, pois possibilitaram observar de forma mais aproximada como isso ocorre através dos relatos de alunos que sofrem com a intolerância religiosa.

Desse modo, isso foi confirmado por Caputo (2012), ao explicitar que diante da pertença religiosa ao Candomblé, crianças entrevistadas pela autora (2012), afirmam sentir vergonha e esconder, na escola, sua pertença religiosa, dizendo que “saíram da escola em que estudavam” porque uma professora “passava óleo ungido na testa [...] para que todos ficassem mais tranquilos e para tirar o diabo de quem fosse do Candomblé”

As constatações da autora combinam com as construções sociais sobre o candomblé, descritas anteriormente neste trabalho. As práticas discriminatórias estão presentes em vários momentos do processo educativo. Evidencia-se assim, a dificuldade de aceitação das diferenças na escola diante da pertença religiosa das crianças adeptas ao Candomblé.

Na visão de Oliveira (2012), a escola é eurocêntrica e visa à homogeneização das crianças aos padrões culturais difundidos pelos colonizadores. A identidade cultural, incluindo as opções religiosas e os conhecimentos advindos das experiências religiosas, é negada na escola. Não se pretende defender uma educação vinculada às práticas de qualquer religião, mas garantir que a diversidade religiosa dos sujeitos seja respeitada, já que esta é parte constitutiva das pessoas que praticam alguma religião.

A realidade do cotidiano de crianças que sofrem discriminação por conta de sua religiosidade indica uma relação tensionada no que concerne à prática religiosa e à pertença ao candomblé. Essas discriminações ocorrem em vários espaços, mas, de acordo com os relatos dos entrevistados na escola é “o pior deles”.

Em nossas entrevistas com alunos estudantes de instituições públicas de ensino, no estado de Sergipe, vimos relatos de discriminação sofrida por crianças candomblecistas no espaço escolar como é o caso dessa criança de 09 anos, que vamos chamá-lo de aluno A.

Amo minha religião, gosto de tudo no candomblé, gosto de participar das danças, gosto das músicas e amo meu Orixá mas sinto vergonha quando na escola meus colegas me chama de macumbeiro e diz que sou filho do diabo, as vezes digo que sou católico só pra ver se eles para de falar assim comigo. Também sofro discriminação em outros lugares, mas na escola é o pior deles. (ALUNO A).

De acordo com Souza (2010) as crianças praticantes do candomblé são vítimas de racismo na escola, já que a maioria é negra, sendo seus agressores professores/as, colegas, bem como conteúdo de materiais didáticos e práticas educativas. Elencou ainda os sentimentos expressados pelas crianças em relação à escola (desgosto diante das piadas racistas, tristeza, mágoa, medo de rejeição, vergonha com relação à sua identidade religiosa e étnica, baixa autoestima, desinteresse pelo universo escolar); e ao Candomblé (orgulho e vergonha, autoidentificação, criação de redes sociais, afetividade, aprendizagem e troca de saberes).

Em entrevista com o aluno B foi perceptível o sentimento de tristeza diante das discriminações sofridas.

Tenho orgulho de minha religião, no meu terreiro muita gente me pede a “bença” porque fui suspenso¹⁶ pelo Orixá para ser ogan¹⁷. Adoro os atabaques e meu sonho é “fazer o santo”,¹⁸ e tocar para o santo. Tenho orgulho de minha cor porque os Orixás também são negros. Nunca vou deixar minha religião. Na escola tenho muitos amigos, mas sempre tem aqueles chatos que ficam me chamando de macumbeiro e dizendo: “oia a macumba, oia a macumba”. Tem umas meninas na minha sala que é crente, elas diz que as mães delas não quer que elas fale comigo porque todo macumbeiro segue uma religião do diabo. Antes eu brigava, mas agora deixo pra lá. Mas não gosto, fico triste e com muita raiva. Não vou pra escola usando roupa branca de axé e nem fios de conta ¹⁹, porque sinto vergonha de ser criticado por meus colegas. Mas não devia ser assim, cada um tem sua religião e todo mundo deve respeitar. ALUNO B).

Esta não é a única criança de candomblé que ama sua religião e segue bem o seu caminho religioso. Nos espaços de terreiro, as crianças vão construindo uma imensa auto estima e, principalmente no caso de crianças negras sentem orgulho de sua cor. No entanto, na escola, o sentimento é de exclusão e constrangimento, criando formas de tornarem-se invisíveis, negam a sua identidade, sentem vergonha de sua fé, escondem os adereços e preceitos sagrados, desejam escolher outra religião para serem aceitas e amadas na escola pelos alunos.

¹⁶ A pessoa escolhida por um Orixá para receber cargo de ogan ou equede é chamado suspenso, por ter passado pela cerimônia onde é colocado em uma cadeira e suspenso pelos ogans da casa, significando que, futuramente, será confirmado e passará por todas as obrigações.

¹⁷ Nome genérico para diversas funções masculinas no candomblé.

¹⁸ Ser iniciado no candomblé.

¹⁹ Adereços sagrados.

Em mais uma entrevista, agora com uma criança que ocupa um cargo de autoridade em seu terreiro, muito respeitada e amada em sua comunidade religiosa. Em sua festa de confirmação de cargo tive a honra de ser convidada. Em meio a uma festa belíssima e luxuosa, pude presenciar a pequena que vou chamá-la de C, (como forma de preservar sua identidade) de nove anos, ser confirmada pelo Orixá Logun'Edé²⁰ para ser sua equede.²¹ Pude observar adultos curvando-se numa demonstração de respeito para pedir-lhe a benção.

Caputo (2012) salienta que:

As crianças estão misturadas aos adultos nos terreiros. Devem sim, muito respeito aos mais velhos, mas são igualmente respeitadas por eles. No terreiro, é o tempo que a pessoa tem de iniciado que conta. A antiguidade iniciáticas é superior a idade civil. Por exemplo, se um adulto chega ao terreiro para começar a aprender a religião, uma criança já iniciada pode perfeitamente ser responsável por lhe passar o ensinamento. [...] Uma criança toma a benção a alguém mais velho da mesma forma que um adulto toma a benção à criança. As expressões são sempre “Abença, meu pai” ou “Abença, minha mãe”. (CAPUTO, 2012, p. 72).

As crianças de Candomblé estão inseridas nas escolas, no entanto, em uma forma de inserção marginal, pois precisam omitir e silenciar sua pertença religiosa, como uma maneira de se protegerem das situações de discriminação, intolerância religiosa e preconceito, como vemos no relato a seguir.

Amo demais minha religião. Tenho orgulho de ser equede de Logun'Edé. Aqui no terreiro todo mundo me respeita e me pede “abença”. Adoro participar de tudo no candomblé principalmente dançar com o Orixá. Mas na escola ninguém sabe que sou candomblecista, digo que sou católica. Tenho medo de minhas colegas não querer mais brincar comigo, como acontece lá na rua que moro, as crianças não brincam comigo porque sou do candomblé, me chamam de macumbeira e que eu vou pro inferno porque minha religião é do demônio. (ALUNO C).

Segundo Freire (2004), “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”. o verbo assumir, diz Freire (2004), é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que assim se assume. Para ele, uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições para que os educandos, em suas relações uns com os outros e todos com o professor(a), ensaiem a experiência profunda de assumir-se.

As narrativas de discriminação no espaço escolar são presentes na fala das crianças que foram entrevistadas nesta pesquisa, contrastando das experiências

²⁰ Orixá africano considerado o deus mais bonito do Candomblé sedutor, atraente, refinado, vaidoso, preguiçoso e ciumento.

²¹ Nome dado para um cargo feminino de grande valor: a de “Zeladora dos Orixás”.

que vivenciam em seus terreiros de Candomblé. Nos terreiros, o sentimento das crianças, é de orgulho e amor por sua religião, dos cargos que ocupam, das práticas realizadas e dos conhecimentos que adquirem, ao mesmo tempo que na escola enfrentam situações de constrangimento, silenciamento e discriminação sobre sua pertença religiosa, de acordo com o que foi referido anteriormente.

incluiu-se, na pesquisa, entrevistas com três professoras e uma diretora das escolas públicas onde as crianças entrevistadas estudam, de maneira a obter dados que colaborassem na identificação das formas como estes atores sociais, de extremo valor na construção subjetiva das crianças escolarizadas, compreendem a pertença religiosa de crianças ao candomblé.

Tenho alunos de vários seguimentos religiosos, todas as religiões têm seus preceitos e doutrinas umas mais rígidas que outra, trato todos de maneira igual, mas já presenciei alguns casos de intolerância com crianças de religiões de matrizes africana, quando vejo ou alguém me participa chamo atenção, como educadora não posso permitir esse tipo de atitude. Mas se o aluno não participar o ocorrido não tem como se resolver. Nas aulas de ensino religioso não falo sobre religiões, é um assunto muito complexo, religião cada um tem a sua, prefiro falar sobre valores como: amor, respeito, solidariedade. PROFESSORA, A).

Segundo Higino (2011) em sua pesquisa bibliográfica no campo da pedagogia, com o objetivo de “conhecer a prática social desenvolvida no espaço escolar em que a criança candomblecista interage” considerou que as crianças candomblecistas possuem uma experiência e um conhecimento advindos da participação nas religiões de matriz africana e que tais conhecimentos precisam ser integrados na atividade educativa formal, já que a escola não aborda, em sua atividade pedagógica, o legado das populações afrodescendentes. A autora ainda enfatiza que os educadores devem atentar para as problemáticas derivadas do espaço escolar com as crianças adeptas ao Candomblé, tendo em vista o preconceito e a intolerância religiosa. Destacou a figura do educador como mediador das relações escolares e da escola como espaço socializador para as crianças, capaz de refletir sobre as diferenças, incluindo as religiosas

Divergindo dessa compreensão de educador como mediador das relações escolares e da escola como espaço socializador, a professora entrevistada fez essa narrativa:

Começo minhas aulas rezando o pai nosso e a oração do santo anjo, isso deixa os meninos mais calmos. Não falo sobre religião na sala, falo sobre Jesus, e sobre Deus. Intolerância religiosa sempre existiu, não só com pessoas de religiões de matrizes africana como também de outras religiões e criança não tem jeito, muitas vezes não fala na nossa frente, mas quando

estão brincando e se aborrece um com o outro essas provocações ligadas a intolerância com crianças dessas religiões sempre surgem. Particularmente não sou a favor de crianças em certas religiões como o candomblé e a umbanda que não temem a Deus, mas sei que as crianças não têm culpa e não devem sofrer discriminação por causa disso. Não sou a favor de falar sobre diversidade religiosa ou fazer debate favorecendo as religiões de matrizes africanas. Como disse nas aulas de ensino religioso falo sobre o amor de Deus, sobre caridade, perdão, respeito, sobre essas coisas. PROFESSORA B).

Baseando seu texto a partir de pressupostos norteadores Santos (2005) discutiu a educação escolar como espaço de formação de identidades socioculturais, capaz de reproduzir ou enfrentar preconceitos e intolerâncias; as atitudes de preconceito e intolerância com que alguns segmentos da sociedade têm tratado as religiões de matriz africana e seus adeptos; a invisibilidade das religiões de matriz africana nas políticas educacionais, favorecendo a produção de indiferença dos/as professores/as diante dos/as alunos/as que pertencem a essas religiões.

Não tenho conhecimento de nenhum aluno do candomblé ou umbanda em minha sala. Tenho pena dessas crianças que são levadas para essas religiões que pregam coisas contrárias à Bíblia. Já tive alunos desses tipos de religiões, mas, esse ano, graças a Deus, em minha sala, a maioria dos meus alunos é evangélico. No início da aula, gosto de orar o pai nosso e ler um verso da Bíblia para eles. Nas aulas de ensino religioso conto histórias bíblicas, eles gostam de ouvir. Crianças que ouvem os ensinamentos bíblicos desde cedo, trilham o caminho do bem. Jesus falou: ensina o teu filho o caminho que deve andar e mesmo depois de grande não se desviará dele. (PROFESSORA C).

De acordo com Caputo (2012), em entrevistas feitas com professoras, coordenadoras e diretoras das escolas em que as crianças adeptas ao candomblé que participaram de sua pesquisa estudavam, relatou alguns dos motivos pelos quais as crianças tendiam a esconder seu pertencimento religioso. Além de afirmarem o desconhecimento de alunos/as que fossem adeptos do candomblé em suas escolas, as educadoras integravam, na dinâmica escolar, práticas vinculadas à orientação cristã, desde a comemoração de datas festivas católicas, como Páscoa e Natal, até orações para iniciar o turno letivo bem como, tentativas de conversão nas aulas de religião, ministradas por professoras cristãs.

A autora concluiu sua análise evidenciando os riscos de tais práticas reivindicando a necessidade de um estado e de escolas verdadeiramente laicos.

A escola é um lugar que recebe todos os tipos de crianças, temos crianças de várias religiões, deve ter crianças dessas religiões aqui (se referindo as religiões de matrizes africanas), mas não tenho conhecimento, as professoras é que devem saber, pois têm um contato mais aproximado com elas. Porém o tratamento é igual a todas elas. Quando ocorre algum caso

de discriminação ou de bullying²² conversamos com as crianças e se for necessário comunicamos aos pais. Os conteúdos das aulas de ensino religioso, seja palestra sobre a temática da diversidade religiosa, preconceito ou intolerância fica ao encargo dos professores. (DIRETORA).

Segundo Streit (2015), Em pesquisa realizada entre 2010 e 2011 pela Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação, da Plataforma DHESCA, a jornalista Denise Carreira em visita as escolas de diversos estados constatou que a intolerância religiosa nas instituições de ensino constitui-se em um sério problema e ainda despercebido para as autoridades e a sociedade como um todo. Ela destaca a desqualificação dos educadores para lidar com a questão e afirma que as principais vítimas de preconceito são os adeptos das religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda.

Ainda de acordo com a autora, as dificuldades de pertencer ao candomblé desde a infância precisam ser interpretadas à luz das circunstâncias sociais que promovem o desrespeito e a discriminação religiosa. Talvez, se os significados produzidos sobre o Candomblé tivessem outras representações, a exemplo de outras denominações religiosas, as crianças candomblecistas poderiam seguir seus percursos religiosos de uma forma menos conflitiva.

No entanto, no que tange à escola, principalmente a pública, que deveria ser laica, os alunos seguidores de religiões de matrizes africana que lá estão inseridos, são marginalizados, escondem a sua pertença religiosa por medo de sofrerem discriminação. Para se sentirem iguais aos demais e poderem ser aceitas socialmente precisam silenciar a sua religiosidade e esconder suas marcas de iniciação.

Porém, o Candomblé é uma religião constituída de preceitos e os adeptos iniciados, precisam cumprir certas determinações no tocante ao uso de vestimentas e adereços que são considerados sagrados. As crianças iniciadas na religião dos Orixás passam por constrangimentos ao chegarem na escola e serem chamadas de “macumbeiras” termo usado por muitos como forma pejorativa por estarem usando vestimentas ou adereços que os identificam como praticantes do candomblé.

O desrespeito e a discriminação religiosa em relação ao candomblé podem ser considerados um fenômeno de longa duração, pois se perpetua desde os primórdios da construção do Brasil, quando os negros escravizados, advindos da

²² É a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa.

África, tentavam manter vivas suas crenças e práticas religiosas. Como visto anteriormente nesse trabalho.

A intolerância religiosa atravessa as instituições sociais, adentra nossas escolas a partir da expressão dos atores sociais, infligindo sobre as crianças adeptas ao candomblé um legado histórico de preconceito e discriminação.

Resulta, deste processo, a emergência de produções subjetivas marcadas pela vergonha, raiva e dúvidas sobre sua pertença religiosa. Conforme salienta Chaves (2006, p. 203), “o conflito, enquanto processo psicológico é vivenciado por uma pessoa, porém estrutura-se a partir de determinadas circunstâncias sociais, nas quais estão envolvidos relacionamentos interpessoais”; as emoções relatadas revelam suas formas de expressão diante das experiências vivenciadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar as religiões de matrizes africana desmistificando da ideia de cultura afro em sala de aula torna-se primordial para que o preconceito, o estigma e a intolerância religiosa sejam subtraídos.

Com base nos resultados deste trabalho ficou comprovado que as crianças adeptas ao Candomblé sofrem discriminação no espaço escolar, sentindo a necessidade de esconderem sua pertença religiosa, omitindo sua fé, na intenção de tornarem-se iguais aos outros alunos para não sofrerem preconceito e humilhação.

As professoras entrevistadas nesta pesquisa reconhecem a existência de práticas discriminatórias no espaço escolar em relação aos estudantes pertencentes as religiões dos Orixás, salientando que estes processos ocorrem nas relações com outros estudantes e não nas práticas docentes, porém, ainda assim, não promovem intervenções no objetivo de reduzir tais ocorrências.

É relevante salientar que o impacto produzido pela escola em relação à pertença religiosa repercute claramente nos participantes. Desse modo, é fundamental que muitas pesquisas sejam realizadas neste campo para compreender melhor as relações entre religião e escola, pois o caminho ainda é longo para que a discriminação religiosa seja superada em relação aos adeptos do Candomblé.

Compreendendo a criança como ser ativo no seu processo de desenvolvimento leva-nos às possibilidades de investigações no sentido de esclarecimento, entender quais as possíveis implicações da inserção de crianças em seguimentos religiosos, quando as mesmas ainda não têm capacidade de decisão própria e esta fica a critério dos pais.

Nossos participantes não puderam opinar sobre sua inserção, mas constroem sentidos sobre essa pertença e no futuro poderão decidir sobre a continuidade ou desistência da adesão religiosa.

É importante continuar investigando e intervindo nos espaços sociais (re) produtores da intolerância religiosa que tanto lesiona as subjetividades dos integrantes das religiões de matrizes africana.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Daniela dos Santos. **O Conceito de Orixá no Candomblé: A Busca do Equilíbrio Entre os Dois Universos Segundo a Tradição Iorubana**. Juiz de Fora- MG: Sacrelegens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1971.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. Tradução de Le candomblé de Bahia, de 1958. 3ª edição. São Paulo: Nacional, 1978. Nova Edição: São Paulo, Cia. das Letras. 2001.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BORGES, Edson (Org.). **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL. Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao artigo 33 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jun. 2011.

CANDAU, Vera Maria F. **Educação Escolar e Culturas**. Espanha: 1994.

CAPPELLI, Rogério. **Religiões de Matriz Africana**. Niterói- RJ: Caderno. 2019.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CARMO, João Clodomiro do. **O que é Candomblé**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense: 2006.

CHAVES, E. S (2003). **O racismo contra o negro e a aprendizagem cultural**. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Human., 13 (2), 11-19. Recuperado em 10 de outubro, 2014, de <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/viewFile/39775/42636>.

CONSTITUIÇÃO de 1988 – Lei nº 5250, de 09/02/1967 art. 5. Inciso VI.

COSTA, M. V. **A escola rouba a cena**. In M. V. Costa (org). A escola tem futuro? (pp. 11-22). Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em www.mp.go.gov.br/.../declaracao_universal_dos_direitos_do... Acesso em: 16/10/2019 às 09hs.

"DISCRIMINAÇÃO," in **Dicionário Priberam** da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/discrimina%C3%A7%C3%B5> [consultado em 08-12-2019].

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora Ltda. 2012.

FONSECA, Denise e GIACOMINI, Sonia. **A Presença do Axé Mapeando Terreiros no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HIGINO, M. E. N. **As relações da criança candomblecista no espaço social da escola**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. (2011).

<https://escolakids.Uol.com.br>. Influência africana na cultura brasileira. Visitado em: 04/05/2019 Às 21h15 min.

KILEUY, Ode & OXAGUIÃ, Vera **O Candomblé bem Explicado** Pallas Editora e Distribuidora Ltda. – Rio de Janeiro. R.J. 2009.

LIMA, V. C. Organização do grupo de candomblé. Estratificação, senioridade e hierarquia. In C. E. M. Moura (org.). **Culto aos orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras** (pp. 79-132). 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

LOPES, NEI, **Novo dicionário banto no Brasil**, Rio de Janeiro, Pallas, 2003.
m.rádioagencianacional.ebc.com.br. Conheça a influência africana na culinária. Visitado em: 04/05/2019 às 00hs.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marly E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo. E.P.U., 2012.

MARTINS, Cléo e MARINHO, Roberval. **Coleção Orixás** Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

MOLINA, T. S. **Relevância da dimensão cultural na escolarização de crianças negras**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

OLIVEIRA, A. G. **A educação escolar e a (in) tolerância às religiosidades de Matriz Africana aos saberes dos terreiros**. IV EPEPE. Caruaru, PE. 2012.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR. 2003.

PENESB – Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – Faculdade de Educação – UFF, n.12, 2010. RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de pessoas**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

"PRECONCEITO," in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/discrimina%C3%A7%C3%B5> [consultado em 08-12-2019].

ROCHA, José Geraldo. **A Intolerância Religiosa que Vitima as Matrizes Africanas**. XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, Carisma e Poder: As Formas da Vida Religiosa no Brasil. Centro de Ciências Humanas UFMA – S 2012.

SALES, Jr., D. R. **Sobre olhar e aprender**: um estudo sobre o processo de aprendizado religioso de crianças candomblecistas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2013.

SANTOS, E. P. **A educação e as religiões de matriz africana**: motivos da intolerância. 28ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu-MG.2005. Recuperado em 01 de junho, 2013, de www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21241int.doc.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda – caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo** Rio de Janeiro. Mauad 1998.

SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos Rio de Janeiro. Ed. Malê 2016.

SOUZA, K. M. **Entre a escola e a religião**: desafios para as crianças de Candomblé em Juazeiro do Norte. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Ceará. 2010.

STRECKER, Heidi <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/orixas-divindades-das-religioes-afro-brasileiras.htm?cmpid=copiaecola>

STREIT, Maíra **Pequenos fiéis**: quando a intolerância religiosa atinge as crianças. revistaforum.com.br/noticias/pequenos-fieis. 2015.
Visitado em: 24/10/2019 às 23hs.

VASCONCELOS, José Antonio

Fonte: www.geocities.com/www.cicerobezerra.com. Visitado em: 03/10/2019 às 21h36m.

VERGER, Pierre. **Orixás**: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio, 1981.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Sarita Feitoza Santos acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientada pela Prof. (a) e Dr. (a) **Alberlene Ribeiro de Oliveira** declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso: **Convivendo com o preconceito: crianças adeptas ao Candomblé e o contexto escolar.** atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 27/11/2019.

Sarita Feitoza Santos

Assinatura da aluna concluinte

APÊNDICES

Perguntas norteadoras para as entrevistas com as três crianças.

- Qual o seu nome?
- Em que escola você estuda?
- Você gosta de sua religião?
- Conte-nos como é a sua convivência com a comunidade do terreiro.
- Conte-nos como é o seu relacionamento com os seus colegas dentro e fora da escola.
- Você já sofreu discriminação por conta de sua religiosidade? Conte-nos como ocorreu.
- Sua professora sabe que você é adepto ao candomblé?

Perguntas norteadoras para as entrevistas com as professoras.

- Qual o seu nome?
- Quanto tempo tem de profissão?
- Em sua turma tem algum aluno pertencente a religiões de matrizes africanas?
- Você já presenciou algum tipo de discriminação com crianças pertencentes a religiões de matrizes africanas, principalmente o candomblé?
- Você trabalha o tema diversidade religiosa em sala?

Perguntas norteadoras para a entrevista com a diretora.

- A senhora tem conhecimento se nesta escola tem algum aluno pertencente a religiões de matrizes africanas?
- Existe algum acompanhamento por parte da direção desta instituição sobre os conteúdos ministrados nas aulas de ensino religioso?
- A senhora já presenciou ou mesmo já ficou sabendo de algum caso de intolerância religiosa nesta instituição de ensino?

ANEXOS

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS – FAMA**

Tema do TCC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG n.º _____, residente à _____, do município de _____, estado _____, declaro que fui convidado(a) a participar da pesquisa citada e estou consciente das condições sob as quais me submeterei detalhadas a seguir:

Esta pesquisa tem como objetivo: levantar dados acerca do tema trabalhado. Este trabalho destina-se à elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso-TCC pelo (a) graduando (a) Sarita Feitoza Santos, para a obtenção do título de Pedagogo (a) pela Faculdade Amadeus-FAMA, sendo orientada pela Prof.^a Dr.^a. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

a) Participarei de conversas individuais e/ou coletivas. As conversas poderão ser gravadas em vídeo e áudio mediante minha autorização. b) Estou ciente de que o presente estudo envolve risco de constrangimento em responder questões relacionadas à minha vida pessoal. No entanto, fui informado que posso não responder quaisquer questões e caso sinta durante a entrevista fadiga, embaraço e tristeza poderei me recusar a participar ou continuar a entrevista. c) Minha identidade será preservada em todas as situações que envolvam discussão, apresentação ou publicação dos resultados da pesquisa, a menos que haja uma manifestação da minha parte por escrito, autorizando tal procedimento. d) Os resultados dessa pesquisa serão publicados em artigos científicos e conferências. e) Estou ciente de que minha participação no presente estudo é estritamente voluntária. Não receberei qualquer forma de remuneração pela minha participação no estudo. f) Minha recusa em participar do procedimento não me trará qualquer prejuízo, estando livre para abandonar a pesquisa a qualquer momento. Eu li e entendi todas as informações contidas neste documento.

Aracaju, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Participante